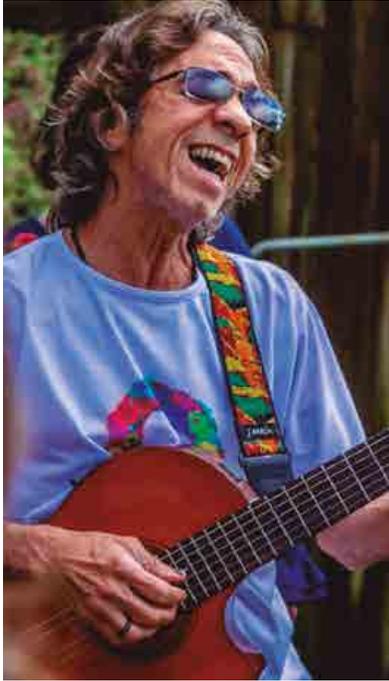


# Paraibano lança disco com os timbres nordestinos e mineiros

'Parayba & Minas' é o oitavo disco do cantor e compositor Nélio Torres, que conta com a participação de Toninho Horta



Fotos: Divulgação

**Guilherme Cabral**  
guilhermecabral@epc.pb.gov.br

O cantor e compositor paraibano Nélio Torres lança hoje, nas principais plataformas de streaming, o seu oitavo disco: *Parayba & Minas*, que reúne 13 canções autorais em diversos gêneros, a exemplo de baião, salsa, xote, ciranda e cantos do Cavalinho.

O novo trabalho tem a participação especial do músico mineiro Toninho Horta tocando guitarra na faixa 'Canção de amar'. Neste sábado, também com o mesmo intuito, Nélio Torres vai realizar uma transmissão ao vivo pela internet a partir das 17h, no Estúdio Concertino, localizado na cidade de Belo Horizonte (MG), através do canal do artista no YouTube (/neliotorres1) e na página do Facebook (/neliotorres). O artista informou que pretende lançar o disco físico até o mês de dezembro.

Referindo-se a 2022, o músico já possui convites para shows presenciais internacionais em julho, na Bélgica, Itália e Portugal, mas que antes, em janeiro, gostaria de se apresentar ao público em João Pessoa, por acreditar que a situação causada pela pandemia vai estar ainda mais controlada até lá, permitindo assim o evento.

Durante a transmissão, Nélio Torres vai estar acompanhado do coprodutor e arranjador do novo disco, Kal Robson, o baixista Gustavo e os percussionistas Daniel Torres, Luan e Rosa Chico. "Vou cantar nove, ou 10 músicas, a exemplo de 'No vão da eternidade', que é uma ciranda, parceria minha com o paraibano Ecurinho; 'Silêncio a alma canta', que compus com o poeta mineiro Antônio Galvão e é uma bossa nova, mas no meu estilo; 'Salvas do Cavalinho da Paraíba', adaptação que fiz do folgado do canto do Cavalinho

/// A Paraíba é, para mim, uma fonte de inspiração, um bebedouro musical e cultural das minhas inspirações, apesar de que, às vezes, também, minhas composições saiam de sonhos espirituais ///

e que, para o disco, gravei com três paraibanos, Cristiano Oliveira, na viola, Levi Reis, no vocal, e Geovando, na percussão, e a rabeca pernambucana Aglaia Costa", disse ele.

Ao longo da apresentação virtual, Nélio antecipou que ainda vai cantar outras faixas do novo disco, a exemplo de 'Prefiro o mistério', que compôs com o poeta mineiro Petrônio Gonçalves e considera "uma salsa cubana bem brasileira"; 'Canção de amar', uma toada romântica criada em parceria com Hal Robson e o poeta mineiro Rogério Salgado; 'Amor sagrado da terra', xote em coautoria com Fábio Gonçalves; o baião 'Tabuleiro', composta com Geraldin da Viola; e 'Vozes de Minas', que mescla jazz com ritmo latino e foi composta com a poetisa mineira Ana Paula Rodrigues. "Eu quis dar um toque feminino nas parcerias. Isso é importante porque é a coisa da sensibilidade da mulher", justificou Torres.

Ao se referir à música 'Canção de amar', Nélio Torres destacou que, além da participação especial de Toninho Horta na guitarra, a gravação ainda registra a voz da filha do artista paraibano, chamada Iasmin Torres, que tem apenas 12 anos de idade. Ele contou que a parceria com esse músico mineiro, que considera um dos principais nomes do Clube da Esquina, surgiu em 2015. "Naquele ano, fui convidado pelo ami-

go Petrônio Gonçalves para participar do lançamento, no Sesc de Belo Horizonte, do livro de Toninho Horta intitulado *Harmonia Compartilhada*, onde cantei a música 'Quero tão pouco dessa vida', que compus com Petrônio Gonçalves. Foi ali que começamos essa amizade e, atualmente, estou com parceria com Toninho, para quem enviei uma letra para que coloque a música, que poderá estar no meu próximo CD, ainda sem previsão de lançamento".

Radicado em Minas, Nélio Torres comentou que costuma visitar a Paraíba duas a três vezes por ano. Numa dessas vindas, em 2019, esteve na cidade de João Pessoa, onde nasceu e mora sua família, e, num encontro na casa de Ecurinho, começou a compor a canção 'No vão da eternidade' com o músico. "Depois, quando retornei a Belo Horizonte, eu a lapidei. Iniciei o trabalho nesse oitavo disco naquele ano, mas, em 2020, veio a pandemia e aproveitei o tempo em reclusão, sem agenda de shows, para me dedicar, com Kal Robson, a concluir o projeto desse novo disco, do qual, além de 'Salvas do Cavalinho' e 'Vozes de Minas', também gravei em João Pessoa, em 2019, a música 'Pitiguari', que é minha com Petrônio Gonçalves", apontou o paraibano. "Outra faixa, 'Descompasso', uma bossa nova que compus com o músico carioca Giba Nascimento, eu gravei no Rio de Janeiro. Já tinha colocado no CD 'Zumbido', o meu sexto trabalho, que lancei em 2012, mas, como foi de forma independente, não houve tanta divulgação e decidi relançá-la agora".

Para o músico, o título do disco, *Parayba & Minas*, "é um resumo da minha sonoridade e delicadezas dos timbres nordestinos e mineiros, por ter conexão com a Paraíba e Minas Gerais. A Paraíba é, para mim, uma fonte de ins-

piração, um bebedouro musical e cultural das minhas inspirações, apesar de que, às vezes, também, minhas composições saiam de sonhos espirituais. Nunca perdi o laço com a família, os amigos e os parceiros. E nem com Bayeux, também, onde desde 2015 desenvolvo o Cavalinho Estrela da Paraíba, no qual sou mestre e coordenador, e que tem como primeira-dama e uma das diretoras a artesã Miriam Maria. Em 2018, quando passei a morar em Minas Gerais, fundei o Cavalinho de Belo Horizonte, com sede no Galpão Pátria Livre, no bairro da Lagoinha", justificou Nélio Torres.

Além de oito álbuns, durante suas mais de quatro décadas de carreira, o artista lançou três DVDs e, nessa trajetória dedicada à música e à cultura popular, já obteve diversos prêmios e foi homenageado por sua atuação em ambas as áreas. O disco *Banxhurna*, lançado pelo selo Tratore, por exemplo, recebeu Menção Honrosa, ficando entre os melhores da música brasileira no Prêmio Embrulhador 2017, ano em que também integrou a *Antologia Contemporânea*, da Editora Taba Cultural (RJ). Já em 2019, ele participou da coletânea *Antologia 32*, publicação conjunta entre Brasil e Argentina, pela Editora Caravana.

*Parayba & Minas* conta com o apoio do selo Quora, uma agência de música do Estado de Minas Gerais.



Através do QR Code acima, acesse o canal oficial de Nélio Torres no YouTube



Novo trabalho de Torres (foto maior e acima, à dir.) tem o músico mineiro Toninho Horta (acima, à esq.) tocando guitarra na faixa 'Canção de amar'

## Essas coisas

Carlos Aranha  
caranha@yahoo.com | Colaborador

# Lembrando Belmondo e outras personalidades

**B**rinçar, jogar, armar com palavras, sempre foi recurso de poetas, compositores, jornalistas, em momentos às vezes de repressão coletiva, ou de prazer estético, ou do ocultar por ocultar.

Isto em épocas bem diversas, incluindo esta em que a ONU solicitou investigação sobre alguns crimes cometidos contra a humanidade na Venezuela.

Brincar com as palavras, jogar, armar e desamar.

Brincar assim é como dizer: falam da Polônia, onde o nacionalismo ganha força e preocupa a União Europeia.

Prefiro sempre continuar brincando com ideias, pessoas, geografias, situações, o papa Francisco, o pôr do sol na perspectiva do Bar da Pólvora, guerras, flores, canhões.

Barcelona remete a quê? Sacaneando no mar, leva a quê?

O mar é o Mediterrâneo, é de Tambau, Itaparica, Bessa, Costinha, Olinda, Ipanema, Iracema, Pajuçara?

Qual é o mar? O mar não seria jogo de palavras? Jogo de ondas com o surfista nascido em Bananeiras, Fabinho Gouveia, que já chegou aos 51 anos.

Não tenho mais cara de menino. Já estou com 75 anos d'idade. Apenas o jeito fino, por vezes ainda brincando até de hipocondria, mas bem pouco, pois a homeopatia e a acupuntura em muito resolveu coisas minhas.

Não sou radical, pois vez em quando um Rivortil 2 mg vai bem. Ou uma Coca-Cola. Ou um café, um doce de leite, um chocolate, um chá, uma cerveja preta, até mesmo três doses de uísque.

Somente não faço alucinar à luz do bar, dos bares.

Os bares desta cidade, às vezes, são engraçados, tiranos. Nunca irônicos, os bares. Tenho ido ao Bar de Diniz, em Cruz das Armas. Tenho ido também ao do MAG Shopping, onde encontrava sempre com Luciano Formiga; hoje nos encontramos no Parmegiano, no Bessa.

Já tive a impressão de que os poemas do saudoso Manoel José de Lima, nosso Caixa d'Água (que Gilberto Gil citou num espetáculo), são "enlaidrados" como filmes de Jean-Luc Godard (que não é francês, mas suíço). Principalmente *Pierrot le Fou* (*O demônio das onze horas*), em que o personagem interpretado por Jean-Pierre Belmondo (*ilus-*



Imagem: Divulgação

*tração*) vai para uma distante e deserta ilha fluvial, cometendo o suicídio com bananas de dinamite ao redor do corpo.

(Aviso: sou pisciano de 18 de março e, além do mais, não tenho a mínima tendência ao suicídio).

Não esqueci *Pierrot le Fou*. Como também não o mesmo Belmondo dando imaginários tiros contra o sol em *Accossa*, ao lado da bela Jean Seberg.

E o casal também godardiano de *Duas ou três coisas que sei dela?* E as aparentes chatices de *La chinoise?* E *Alphaville?*

E Caetano Veloso protestando contra o público em plena sessão no Cine Paissandu, no Rio de Janeiro, numa noite de 1966 em que foi estreado um documentário de Júlio Bressane sobre a mana Maria Bethânia, que foi vaiada?

Esse filme foi o primeiro de Bressane: *Bethânia bem de perto - A propósito de um show*.

Se o genial Glauber Rocha sumiu em corpo, de um lado ficou Itaparica, ilha que conheci num Carnaval baiano ao lado de Cleodato Porto e Carmello Reynaldo; de outro lado tranco na memória o Cabo Branco. E o Sertão.

Quando fui a Católica do Rocha, Patos, Sousa, Pombal e Cajazeiras, percebi o fenômeno racial dos olhos azuis no Sertão.

Por isso intitulei a versão que fiz para a beatluna 'Lucy in the sky with diamonds' justamente de 'Olhos azuis no Sertão' e que cantei em show no Teatro Santa Roza.